

# O QUE PODE MUDAR NA ECONOMIA - E NO SEU DIA A DIA - COM A TAXA DE JUROS A 4,25%

**| MACROECONOMIA |** Se, por um lado, a Taxa Selic mais alta pode ajudar a reduzir a inflação e o dólar, também traz reflexos para o acesso ao crédito, redução de consumo e maior dificuldade à retomada da atividade econômica

**IRNA CAVALCANTE**

irnacavalcante@opovo.com.br

O Banco Central elevou na última semana a taxa básica de juros da economia, a Selic, de 3,5% a 4,25%. Foi o terceiro aumento consecutivo somente neste ano, em mais uma tentativa de frear a aceleração da inflação, que em maio atingiu o maior patamar para o mês dos últimos 25 anos, com alta acumulada de 3,22% no ano e de 8,06% em doze meses. Mas, uma Selic maior produz também outros reflexos importantes na economia e na vida das pessoas: dos juros do crédito que será cobrado pelo banco; passando pela cotação do dólar; consumo; ritmo de retomada da economia;



***Ainda vamos  
terminar o ano  
com crescimento  
da economia,  
mas com certeza  
a alta da Selic  
vai trazer uma  
dificuldade a mais  
para as empresas e  
famílias”***

**Mário Monteiro,**  
economista e professor da  
Estácio

remuneração de investimentos; até mesmo no custo da dívida pública brasileira.

É bom lembrar que a Taxa Selic já está quase o dobro do percentual que era há um ano (2,5%) e novos aumentos devem vir por aí. A última projeção do mercado financeiro, na pesquisa Focus, do Banco Central, sinaliza que a taxa básica de juros deve fechar o ano em 6,25%.

O professor da Unifor e conselheiro do Conselho Regional de Economia (Corecon) Ricardo Eleutério, explica que desde 1999 esse é um dos principais mecanismos utilizados pelo Banco Central para tentar conter a inflação. Isso porque ao

tornar o crédito mais caro, há uma expectativa de que as pessoas pensem duas vezes antes de comprar e, com menos demanda, a tendência é que os preços caiam.

Mas se já foram feitos três aumentos nos juros, por que a inflação ainda não desacelerou? Dentre outros fatores, porque a inflação de agora não está subindo apenas porque o consumo está aquecido. Pelo contrário, a retomada é lenta e o desemprego está grande. Neste contexto, têm pesado muito mais, por exemplo, o reajuste que deixou de ser dado no ano passado nos preços administrados; a crise

hídrica no setor de energia; o aumento das exportações que diminuem a oferta no mercado interno; e o dólar caro que faz com que o preço dos produtos e serviços subam com muito mais força. “Além disso, demora um tempo para que a alta dos juros produza efeito sobre a economia e a inflação”, justifica Eleutério.

Ainda assim, ele entende que a alta da Selic é um “remédio amargo necessário” no atual momento. Até porque os juros maiores favorecem a atração de investimentos estrangeiros ao País. E com mais moeda estrangeira entrando, é esperada também uma queda na cotação do dólar. “O que também ajuda a reduzir a pressão inflacionária.”

Ele também pontua que apesar de estar subindo, a Selic ainda está longe de patamares exorbitantes, na casa de dois dígitos, como era a praxe até 2017, quando a taxa básica de juros girava em torno de 13%. Ou ainda da máxima de 45% atingida em 1999.

O economista e professor da Estácio, Mário Monteiro, alerta, porém, para os efeitos colaterais que a alta da Selic trazem para a economia e o dia a dia das pessoas. Ele acredita que, do ponto de vista mais macro, não é algo que vá comprometer o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) deste ano, principalmente, porque a base de comparação é muito baixa. Em 2020, a economia brasileira encolheu 4%.

“Não chega a interromper a recuperação porque ainda temos uma capacidade ociosa

muito grande a ser incorporada. Ainda vamos terminar o ano com crescimento da economia, mas com certeza a alta da Selic vai trazer uma dificuldade a mais para as empresas e famílias, seja afetando o consumo ou porque tomar crédito neste momento vai ficar mais caro. E isso ocorre justamente em um momento em que elas ainda estão extremamente fragilizadas por conta da pandemia.”

O que, na prática, também pode reduzir a expectativa de retomada da empregabilidade, já que as atividades econômicas tendem a desacelerar o ritmo. “O que não é nada bom do ponto de vista do trabalho e temos um problema grave de desemprego.”

Ele explica que, de modo geral, todos os setores são afetados, mas aqueles que dependem mais diretamente do crédito ou de financiamentos, como o setor imobiliário, vendas de veículos, e o varejo tendem a sentir mais. “Vai depender muito da intensidade e da velocidade com que os bancos vão repassar isso em suas taxas de juros e de como o mercado vai reagir a isso para garantir um menor impacto ao consumidor e não perder a venda.”





# SAÚDE MENTAL NO TRABALHO

## DICAS PARA GESTORES

1

### Haja com coerência

Não adianta ter os valores da empresa colados nas paredes das empresas se eles não são seguidos pelos gestores. Assim sendo, como conscientizar o colaborador sobre a importância de cuidar da saúde mental se o chefe passa mensagens 22h de uma sexta-feira sobre um problema que pode ser resolvido na semana seguinte.

2

### Faça um bom planejamento

É preciso haver consistência nas ações sobre saúde mental no trabalho. Iniciativas isoladas, como palestras e programas, por exemplo, embora ajudem, só terão eficácia se houver uma mudança mais profunda e estrutural na forma de agir de uma empresa e isso passa por um bom planejamento no que se refere a trabalhar o bem-estar organizacional

3

### Desenvolva a 'Economia do Cuidado'

A saúde tem que ser vista integralmente na cultura organizacional, incluindo as jornadas dos colaboradores. Para isso é importante alterar modelos de gestão focados na competitividade extrema e focar em modelos que levem em conta a felicidade das pessoas que trabalham em uma empresa, os valores éticos e o bem-comum social. É a chamada 'Economia do Cuidado'. É importante favorecer o surgimento de lideranças com sensibilidade para essa nova realidade



FONTE: Adriana Bezerra/Flow Desenvolvimento Integral

## DICAS PARA QUEM ESTÁ NO HOME-OFFICE



1

Organize juntamente com sua família um cronograma de atividades para que todos possam ajudar com as tarefas domésticas, evitando sobrecargas.

2

Estabeleça um horário para acordar adequado e suficiente à realização das atividades matinais, tais como preparar o café da manhã, organizar as crianças nas aulas remotas etc. Assim você não correrá o risco de fazer essas ações de forma atropelada e começará melhor o expediente de trabalho.

3

Ao marcar reuniões, deixe um espaço de tempo entre elas. As pausas são fundamentais para entrar bem focado em cada uma delas. Vale lembrar também que ao emendar uma reunião na outra fica mais tempo exposto à tela do computador, o que cansa a visão, e, também, fica mais tempo sentado, o que o deixa menos disposto e favorece o sedentarismo.

4

Ao fazer um intervalo por cinco ou dez minutos, saia da frente do computador e evite o celular. Ande um pouco até a cozinha, beba água fresca, tome um café, faça um alongamento e se espreguiçe. Pode parecer bobagem, mas se espreguiçar o ajudará a ficar mais desperto e gerará uma sensação de bem-estar.

5

Outra dica importante é negociar com a empresa os horários de intervalos e de término de expediente, evitando ficar sem comer por intervalos longos ou estender a jornada de trabalho sem necessidade.



## SAÚDE MENTAL EM NÚMEROS

264

milhões de pessoas sofrem com ansiedade ou depressão no mundo

53%

dos brasileiros afirmam que seu bem-estar mental piorou no último ano, o que coloca o país no 5º lugar entre os países com maior deterioração nesse aspecto

31%

dos brasileiros disseram estar mais tristes em 2020 (em 2019, eram 26%)

67%

das empresas tiveram algum profissional afastado do trabalho por problemas psicológicos

US\$ 1

bilhão é a perda econômica anual estimada que as duas doenças causam

6,1

foi a nota média de satisfação do brasileiro com a vida em 2020, a pior da série histórica

24%

dos brasileiros disseram estar com mais raiva em 2020 (em 2019, eram 19%)

60%

das empresas dizem que pretendem contratar um profissional ou criar um departamento para cuidar do bem-estar mental

US\$ 4

é o retorno para cada US\$ investido em saúde mental

62%

dos brasileiros disseram estar mais preocupados em 2020 (em 2019, eram 56%)

93%

dos profissionais de RH no País acreditam que falta um olhar das empresas para a saúde mental

19,1%

dos conflitos no ambiente de trabalho se dão por falta de diálogo da liderança

FONTES: Organização Mundial da Saúde/Instituto Ipsos/FGV Social/Kenoby





## NEGÓCIOS

# Impacto no presente e ameaça para o futuro



ACERVO PESSOAL

A notícia de mais uma alta da taxa de juros é recebida com assombro pelo casal Yuri Pacheco, de 24 anos, e Brena Moura, de 27 anos. Eles ainda estão batalhando para tentar reverter os impactos financeiros que a segunda onda da pandemia trouxe para o empreendimento deles, a By Empire Calçados.

As restrições impostas pelas medidas de isolamento derrubaram em quase 70% o faturamento da loja, mesmo adotando as vendas online. Além disso, tinham acabado de inaugurar em janeiro deste ano, a segunda loja.

Para não demitir funcionários e atravessar essa fase mais difícil, eles fizeram empréstimos, atrasaram algumas dívidas, e tudo isso foi virando uma bola de neve, justamente, por conta dos juros altos.

"Algumas coisas estamos conseguimos renegociar, como o contrato de aluguel, mas outras tivemos mais dificuldade, como cartão de crédito, e nisso os bancos não ajudaram muito. Só o que conseguimos fazer foi parcelar e os juros são altíssimos", reclama Yuri Pacheco.

Brena diz que, aos poucos, a organização financeira da família e a operação da loja estão sendo retomadas. Mas os juros não a deixam esquecer do quão ruim é atrasar as dívidas. "A pior coisa é atrasar com banco porque além dos juros, eles vivem te ligando para cobrar e te tratam de forma desrespeitosa. Até quando você procura renegociar, te tratam com pouco caso. Sendo que só quem tem um negócio nesta pandemia sabe o quanto difícil está sendo esse momento."

Eles temem também que a alta dos juros afete o processo de retomada. "Afeta, a gente sente isso na loja, o cliente também está sentindo dificuldades na pandemia. Então mais uma alta de juros, a inflação como está, tudo isso pesa. É muito complicado porque a gente não sabe onde os juros vão parar", afirma Yuri.

# VEJA O QUE MUDOU EM UM ANO COM A TAXA DE JUROS E DE INFLAÇÃO



\* Projeções do último Boletim Focus do Banco Central

\*\* Os dados oficiais sobre inflação do IBGE estão disponíveis apenas até o mês de maio

FONTE: Banco Central e IBGE

## Comportamento das diferentes taxas de juros bancária em 2021 (em % ao ano)

Modalidade de crédito	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Variação em relação a abril de 2020
Taxa média do juros bancário	20,09	19,74	19,96	20,28	-5,45%
Consignado servidor público	16,15	16,16	16,29	16,81	-7,99%
Capital de giro- empresas	16,51	13,91	14,03	14,56	7,37%
Consignado INSS	21,48	21,2	21,21	21,9	1,30%
Consignado setor privado	29,66	30,29	29,9	28,78	-1,17%
Crédito pessoal não consignado	86,7	86,37	87,27	88,34	2,30%
Aquisição de veículos	20,21	19,96	20,64	21,32	4,61%
Financiamento Imobiliário	6,96	6,94	6,78	6,6	-7,69%
Cheque especial	120,29	125,52	122,31	124,51	4,14%
Rotativo do cartão de crédito	329,04	326,58	334,55	335,25	6,39%
Microcrédito para microempreendedores	36,88	36,59	36,56	36,7	-0,08%

FONTE: Banco Central





## ARMADILHA

# O que fazer para fugir dos juros altos

O consumidor é um dos primeiros a sentir no bolso a alta da taxa básica de juros. A Selic é uma das principais referências usadas pelas instituições financeiras para definir suas taxas de juros no crédito. Ou seja, tomar um empréstimo, fazer um financiamento imobiliário, ou mesmo os juros do cartão e do cheque especial, tudo isso vai ficar mais caro. O que vai exigir um malabarismo maior das famílias e das empresas para que as dívidas não se tornem uma bola de neve.

O repasse dos juros também não acontece de forma imediata e nem na mesma proporção para todos os produtos de crédito e bancos. Mas, infelizmente, na prática, quando a Selic sobe, os juros dos bancos costumam subir em patamares bem maiores. Para se ter uma ideia, em abril, quando a Selic estava em 2,75%, os juros médios bancários eram de 20,28% ao ano, segundo último dado disponível pelo

Banco Central. E os juros do cheque especial eram, em média, de 124,51% ao ano.

Mauro Calil, fundador da Academia do Dinheiro, explica que a elevação da Selic não vai impactar as operações já contratadas, somente as novas. "O que já foi contratado de empréstimo antes, não muda, embora ainda tenha correção monetária, o que impacta muito porque a inflação está alta. Mas esse aumento dos juros vai chegar, na hora de fazer um novo empréstimo, um financiamento imobiliário. Quem faz uso do cheque especial ou do rotativo do cartão, que já estão com juros altíssimos, podem sentir até mais rápido porque as taxas podem ser atualizadas."

O que é nocivo, principalmente, para quem já está endividado. No Brasil, já são mais de 62 milhões de brasileiros com nome sujo, segundo dados da Serasa Experian. Por isso, neste ambiente, é fundamental

tentar eliminar as dívidas, recomenda Calil. "E aí não existe mágica, é fazer mesmo uma dieta financeira, tentando reduzir gastos, fazer uma renda extra, para fazer as despesas caberem de novo no orçamento."

Ele recomenda também tentar renegociar as dívidas junto ao credor. "E sempre que possível pagar a fatura toda do cartão de crédito."

Vale também tentar trocar dívidas mais caras por outras mais baratas. Levantamento feito pelo O POVO, com base nos dados do Banco Central, mostram, por exemplo, que o rotativo do cartão de crédito, além de ser a modalidade mais cara do mercado, com juros que podem chegar a 335,25% ao ano, foi um dos que teve maior variação em um ano, de 6,39%. Enquanto que o empréstimo consignado para quem é do setor privado, em abril, estava com juros médios de 28,78% ao ano, uma taxa 1,7% mais barata do que em abril de 2020.

O economista Ricardo Eleutério explica que essas diferenças ocorrem porque na hora de definir os juros, os bancos também levam em conta, dentre outros fatores, o risco de inadimplência, custos administrativos e a margem de lucro. "No Brasil também temos muita concentração bancária, são cinco, seis bancos que acabam ditando as regras de mercado."

Por isso, ele também recomenda na hora de avaliar uma portabilidade de dívidas ou mesmo de fazer um novo financiamento, pesquisar bastante, comparar taxas, olhando também para outras instituições financeiras, como cooperativas de crédito e fintechs. "Elas costumam oferecer juros menores que os grandes bancos, até porque não têm a mesma estrutura física. E essa ampliação do mercado também têm contribuído para forçar uma maior concorrência em produtos, juros e serviços."

## INVESTIMENTOS

# Selic em 4,25%: quanto rende as aplicações de renda fixa e onde investir agora?

A elevação da taxa básica de juros para 4,25% torna as aplicações em renda fixa um pouco mais atrativas. Isso porque grande parte delas acompanha a variação da Selic. Mas mesmo considerando a tendência de novas altas para os próximos meses, ainda será difícil reviver as épocas de ouro do "rentismo" brasileiro, que pagava juros acima de 10%. Na verdade, na maioria dos casos, ainda haverá rentabilidade negativa considerando a inflação do período. Dentro desse contexto, quais as melhores opções de aplicações neste tipo de investimento?

O consultor de investimentos, Thomaz Bianchi, sócio da M7 Investimentos, a pedido do O POVO, fez simulações de como a Selic em 4,25% impacta, na prática, a rentabilidade das seguintes aplicações de renda fixa: poupança; CDB (com 90% de CDI); CDB (110% de CDI), Tesouro Selic e Fundos DI.

Vale lembrar que, quando se trata de renda fixa, é importante

considerar qual o percentual de Certificado de Depósito Interbancário (CDI), que são os empréstimos que os bancos fazem entre si para fechar o caixa do dia no positivo, que incidem sobre a aplicação, já que essa taxa é determinante para o rendimento anual de diversos tipos de investimento.

A simulação também leva em conta o Imposto de Renda (IR) que incide sobre o rendimento. Com exceção de LCI, LCA, CRI e CRA e debêntures incentivadas, as aplicações são tributadas pelo IR regressivo, que vai de 22,5% até 15%, a depender do prazo. E, quanto maior o tempo de resgate, menor o IR cobrado.

Para esse exemplo, Bianchi considerou uma aplicação de R\$ 1 mil, um desconto líquido de imposto de renda de 17,50% para o CDB (90% CDI) e para o CDB (110% CDI), fundo taxa zero para o Fundo DI.

E a conclusão é que o investidor teria melhor retorno se escolhesse o CDB (110% de CDI) porque os R\$ 1 mil, ao final de um ano, teriam se tornado R\$ 1.037,66. Se a Selic ainda estivesse em 3,5%, o valor



alcançado seria R\$ 1.030,86. Um ganho de R\$ 6,80. Já a poupança, com a mudança na Selic, sai de R\$ 1.024,50 para R\$ 1.029,75.

“Em termos de rentabilidade, aqueles ativos pós-fixados atrelados ao CDI tendem a ter rentabilidade melhor, porém ainda preocupa a forma como a inflação afeta os ativos de renda fixa. Se eu pegar esses ativos e descontar a inflação, ainda temos um ganho real negativo. Ou seja, o investidor está perdendo dinheiro.”

Ele acredita que se Selic chegar a 6,5% até o fim do ano, como preveem os analistas do mercado, é possível que a rentabilidade da renda fixa seja normalizada e, em alguns casos, ficar um pouco positiva. “E crescer mais um pouco no ano seguinte, considerando que a tendência é que a inflação caia.”

Ainda assim, para quem busca rentabilidade maior, é preciso estar disposto a se expor a mais riscos. “É preciso considerar o perfil de risco do investidor, mas, de fato, como existe uma expectativa de crescimento do PIB neste ano e para o próximo, a tendência é que o investimento em renda variável continue melhor.”

Ele pondera, no entanto, que essa não é uma linha reta e são grandes as chances de volatilidade no futuro. Por isso, ele recomenda sempre ter uma carteira diversa, para que um ativo possa compensar o outro, quando alguma aplicação não estiver indo tão bem.

Além disso, é preciso considerar os objetivos financeiros. Para uma reserva de emergência, por exemplo, que precise ser acionada no curto prazo é melhor escolher a renda fixa.

**OP+**  
**O POVO MAIS**

MAIS.OPOVO.COM.BR

No OP+ tabela de comparação entre rendimentos de diferentes aplicações com Selic a 3,5% ao ano e a 4,25% ao ano.

